

O Comboio em Portugal

A Vida, Património e Memória do Caminho de Ferro

www.ocomboio.net

Biblioteca Municipal de Espinho

27 de Junho a 29 de Julho de 2005

Histórias de (um) amor

É fascinante como um meio de transporte que só consegue mover-se em cima de pesados e meticulosos carris de ferro consegue levar-nos a tanto e tão espantoso sítio, desde a beira da casa até aos confins do mundo. Parece que era mais fácil de carro, de camioneta, de jipe, de mota, de barco ou de avião... mas não é, definitivamente não é, a mesma coisa. E nem sei bem porquê. Mas não é.

É de comboio que se sonham as distâncias inimagináveis do Transiberiano, é de comboio que se parte à conquista épica do velho Oeste americano, é de comboio que Agatha Christie se perde em mistério com os crimes no Expresso Oriente, é de comboio que se vai até Paris na primeira e quase adolescente descoberta de uma Europa além de Espanha, é de comboio, de lento e pachorrento comboio, que melhor se volteiam as voltas nos socalcos do Douro, é de comboio antigo que se sente na cara o vento fresco do ar com travo de carvão à maneira do “Vouguinha”, é de comboio, sim!, é de comboio que se parte à aventura com uma caderneta de Inter-Rail na mão, e há lá viagem por aí que se compare a um Inter-Rail, ontem, hoje, sempre, o fascínio de ir por aí, de parar, de andar, de chegar, de partir, seja dia seja noite, por aí, com o destino de quem não tem mais destino que a viagem, a própria viagem...

Claro que nem tudo é passeio, real ou imaginado, de férias e aventura, claro que não. Comboio é também o ir e vir rotineiro, modorrento, pontual (mais ou menos...), para trabalho ou escola, para compras ou visita, a utilidade de quem não quer ou não pode conduzir e prefere deixar-se guiar. Mas mesmo aí, mesmo rotineiro, repetido, aparentemente sempre igual com o sono das manhãs, à ida, ou o torpor das tardes impacientes, à vinda, mesmo aí ele sabe bem, o comboio. O espaço, o som de fundo, o jornal que se lê, os vizinhos de viagem que se fazem quase família de vista, o jogo de sueca em cima de uma pasta em cima de uns joelhos, o dormir entre dois apeadeiros, que aquele embalo também faz um sono bom, enfim... memórias mil, de há muito e de há não muito tempo, memórias até de ontem, de hoje, de ainda há bocadinho. Aqui, em Espinho.

Sim, que Espinho tem-lhe o comboio atravessado, aí isso tem. Para o mal e para o bem. Nunca deve ter havido Espinho sem comboio, mesmo se antes se via de cima, daquele passadiço de madeira que sobrevoava a Rua 19 e nós, miúdos, subíamos e descíamos vezes sem

conta, e se no futuro se verá de baixo, por túneis e buracos que já crescem no papel dos arquitectos e engenheiros, aos anos que se fala. Espinho e os comboios são uma história antiga, uma história muito antiga de amores e, claro, desamores, que isto do barulho, e das campainhas, e dos perigos, e dos sustos, e do raio da cancela que não há meio de abrir, também entra nas contas do saldo.

História sem desamores, história só e só de amores é, tenho a certeza, a história de Dario Silva com os comboios. Amores antigos, amores de berço, até do sangue, amores intensos, fundos, teimosos, direitos ao infinito como dois carris paralelos que só lá, no infinito, se hão-de encontrar. Amores ternos, amores de carinho tanto feitos, de constante descoberta, de teimosa procura, de satisfação nunca satisfeita porque há sempre um pouco mais de... Como nos amores, está visto.

Para falar do amor de Dario Silva pelos comboios (amor pelas máquinas, sim, mas também – ou sobretudo – amor pelas pessoas que fazem o dentro e o fora dos comboios), não são muito boas as palavras. Desse amor falam, e falam tudo, as fotografias que ele nos dá a ver. Como as desta exposição, uma amostra do quanto ele já fez e continua a fazer dia após dia, mês após mês, nos trilhos mais conhecidos ou mais escondidos deste país enorme e várias.

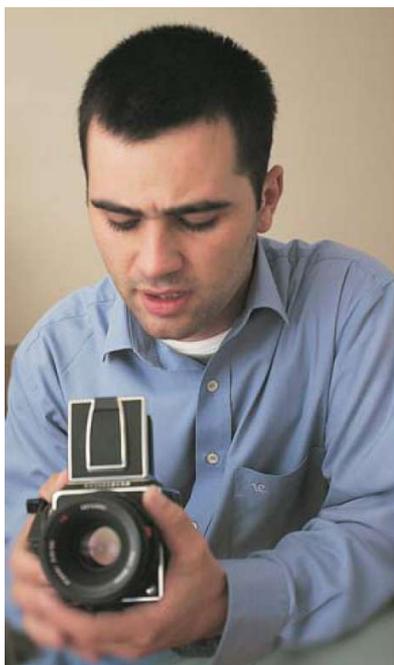
São histórias de (um) amor, estas fotografias. E manifestações de arte, uma arte minuciosa, laboriosa, inspirada mas também muito transpirada, uma arte que é resultado de tanto trabalho, de tanta procura, de apuro até àquele pormenor (uma forma, uma luz, um momento... um momento!...) que a todos nos escaparia mas que, não tendo escapado ao artista, permitiu fazer obra acabada – e oferecer-nos aos olhos aquilo por que passáramos antes mas não tínhamos sido capazes de ver.

Por isso lhe agradecemos. E com ele, sonhadores, partimos em viagem sem grande cuidado do destino. É de comboio, e isso nos basta.

Joaquim Fidalgo
Espinho, 2005

- 1 - O Comboio na Praia de Espinho
- 2 - O Comboio no Alentejo
- 3 - O Comboio na Ponte de São João, Porto
- 4 - O Chefe da Estação de Bifurcação de Lares, Linha do Oeste
- 5 - O Comboio em Tadim, Rramal de Braga, 2001.
- 6 - Os ferroviários em Nine, 2001
- 7 - As ferroviárias no Alentejo, 2004.
- 8 - O Comboio em Santa Comba Dão
- 9 - O Sud Express na Linha da Beira Alta
- 10 - O Comboio em Aveiro
- 11 - O Comboio em São Pedro da Torre, Linha do Minho
- 12 - O Comboio no Porto, 2005
- 13 - O Fogo e o Aço na Nova Estação de Braga, 2004
- 14 - O Comboio no Douro

Foto da Entrada: Túnel D. Carlos, Porto São Bento.



Breve Biografia do Autor

Dario Alexandre de Sá e Silva nasceu em Vila Nova de Famalicão a 8 de Abril de 1976. Residiu em Couto de Cambeses (Barcelos) até 2001 e desde então em Tadim (Braga). Completou o ensino secundário no Externato Infante D. Henrique, Ruilhe Braga. Dedicou-se à fotografia a partir de 1995. Ingressou na Licenciatura em Comunicação Social da Universidade do Minho em 1996. Estagiou nos jornais “Região do Minho” e “Correio do Minho” em 2000. Fotografou a cidade brasileira de Barcelos em 2000. Estagiou como fotojornalista no jornal Público em 2001. Colaborou com o Jornal de Notícias entre 2002 e Março de 2004 e colabora com vários jornais regionais. Realizou o trabalho fotográfico “Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades” da Linha do Minho e Ramal de Braga em Abril de 2004.